

Maristela Franco | maristela@revistadbo.com.br



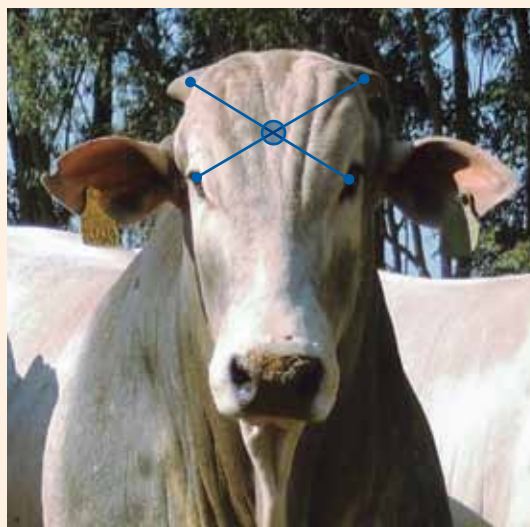
A insensibilização garante abate sem dor ?

Quem pergunta é Luiz Antônio de Deus, o Chico Boiada, sócio-proprietário da Fazenda Cigana, em Campestre, MG, onde ele engorda 10.000 bois em confinamento.

“SIM. O processo de insensibilização dos bovinos, com pistola penetrante de dardo cativo, resulta em perda de consciência do animal antes que ele sinta dor. Para isso, é fundamental que o disparo seja feito com precisão, no ponto de encontro entre duas linhas imaginárias que partem dos chifres em direção aos olhos (veja foto). O chamado “abate humanitário” é prática obrigatória no País, regulamentada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), por meio da Instrução Normativa Nº 3, de 17 de janeiro de 2000, que visa garantir o bem-estar dos animais, desde sua recepção no frigorífico até a sangria. Essa normativa já está sendo revisada e o novo texto (com publicação prevista para este ano) deverá determinar que todas as plantas frigoríficas sob inspeção federal tenham um profissional especializado em bem-estar animal.

Trata-se de uma medida de cunho não apenas ético, mas também econômico, pois práticas adequadas de manejo melhoram a produtividade na indústria. Segundo o professor Mateus Paranhos, coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etologia e Ecologia Animal (Etco), já se registrou grande avanço nessa área nas empresas mais modernas, porém, continua havendo muita disparidade entre as plantas submetidas à inspeção federal e aquelas menores, à

Ponto certo de abate



Apenas um disparo pode ser feito no ponto assinalado, com pistola calibrada, para que o animal perca a consciência de imediato.

cargo da inspeção estadual ou municipal. Ele ressalta também que o método de insensibilização usado no Brasil é eficiente, mas os funcionários precisam ser bem treinados para executá-lo; as instalações devem ser adequadas e a pistola submetida a revisões periódicas, para que o disparo seja certo.

ROTINA CALBRADA - Na unidade de Lins (SP), pertencente à JBS, empresa parceira de **DBO** no Projeto **Portas Abertas**, vimos como esse processo é

monitorado. “Todos os dias, nossa equipe acompanha o manejo do gado nos currais de espera e no abate, analisa as imagens das câmeras de monitoramento e registra eventuais não conformidades para providenciar correções imediatas, além de planejar novos cursos de treinamento. Trata-se de um processo contínuo, pois sempre é possível melhorar as operações”, informa Everton Adriano Andrade, coordenador corporativo de bem-estar animal da JBS em Lins.

Segundo ele, os cuidados com o animal começam antes do abate. É fundamental fazê-lo entrar tranquilamente no box de insensibilização. Para isso, o manejador deve se posicionar de forma correta, antes do “ponto de equilíbrio” visual do bovino (veja ilustração na página ao lado). Se ficar à frente, ele volta; se permanecer totalmente atrás (ponto cego), ele não se move. Posicionamentos incorretos geram o chamado “efeito sanfona” (movimento oscilante) no corredor de acesso ao box, o que provoca confusão e estresse. Na planta de Lins, são usadas bandeiras para conduzir o gado. O bastão elétrico (máximo de 50 volts) é aceito apenas excepcionalmente, porém tomando-se o cuidado de aplicar o choque na região traseira do animal, por no máximo 2 segundos. Jamais deve-se usá-lo em partes sensíveis como olhos, focinho, narinas, ore-

